

Saussure-Benveniste

Claudine Normand
Sorbonne, Paris - França

Resumo

Saussure e Benveniste são tomados como referências reveladoras do essencial em jogo no que não fora definido até então: língua, discurso, comunicação.

Palavras-chave: Saussure - Benveniste - língua - discurso

Abstract

Saussure and Benveniste are taken as references that reveal the essential at a play in which was not defined so far: language, discourse and communication.

Key words: Saussure - Benveniste - language - discourse

Saussure-Benveniste não é um título, é apenas um anúncio e um gesto de recuo ou de hesitação: da relação entre estes dois nomes, aqui justapostos, na ordem neutra da cronologia, existe muito ainda a ser dito. Mas como? É necessário escolher uma ordem a seguir, um tipo de discurso, e já houve tantos! Relembrando:

- o discurso da filiação, da transmissão, da escola: Saussure *gerou* Benveniste, que *gerou* a análise de discurso e alguns outros discípulos. Eis a grande continuidade da história, a acumulação tranqüila dos conhecimentos, tesouro que cada geração herda e fica encarregada de transmitir e frutificar: missão e transmissão!... O discurso da fundação é uma variante do discurso da filiação: Saussure e Benveniste foram os dois “pais” do estruturalismo. O segundo, sobretudo, contribuiu para divulgar e explicar o legado do primeiro, na sua defesa contra o behaviorismo, bem como para ilustrar as idéias daquele com suas próprias análises e o desenvolvimento destas com proposições novas. Dizia ele: “Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou...¹”;

- o discurso da novidade: Benveniste libertou os lingüistas presos à sujeição da teoria saussuriana. Ele lhes deu a subjetividade, o mundo e o discurso que o contém; reatou com a filosofia, encontrou a psicologia social e a pragmática; reencontrou a virtude do diálogo e da interação. Enfim, uma lingüística diferente!

- o discurso da comparação (ou, em sua variante démodé, da “influência”): Saussure deu os princípios, os temas e o método; Benveniste os aplicou em análises concretas que transformaram radicalmente (ou simplesmente enriqueceram) as descrições comparatistas. Por isso, Benveniste é o mais saussuriano dos lingüistas, uma vez que permitiu resgatar a partir de Saussure uma lingüística da significação...

Esses três discursos, amalgamados ou ferozmente separados, já foram muitas vezes defendidos. No mesmo gênero acadêmico, poderíamos sugerir pelo menos dois, ainda:

- em relação à interdisciplinaridade: de um lado a fronteira bem delimitada por Saussure entre a lingüística e as outras ciências, dentre elas a filosofia. Operação necessária ao seu projeto, mas que não deixa de ser contrariada pelo anúncio de uma semiologia englobante, caso não seja ameaçadora. De outro lado, a prática de Benveniste que, a exemplo de seu mestre Meillet, dirige-se aos sociólogos, aos filósofos e também aos psicanalistas convidando-os, de certa forma, a se unirem, sob a égide da lingüística, em uma “semiologia universal”. Em uma ordem de idéias bastante próximas, poderíamos comparar, em Lacan, as referências aos dois

lingüistas e as suas conclusões: de um lado, a “linguisterie”; de outro, a decepção causada por aquele que estava, no entanto, “entre os maiores”;

- em relação à instituição universitária: para um e outro uma consagração certa, uma notoriedade assegurada pelas instâncias clássicas de avaliação (títulos, publicações, cargos); para os dois uma solidão intelectual mais ou menos reconhecida por eles mesmos e por seus pares; e uma quantidade de cadernos manuscritos inéditos, encontrados pouco a pouco ou para sempre perdidos.

Trataremos aqui de uma relação diferente; falaremos de encontros. Benveniste encontrou Saussure naquilo que ele pôde conhecer de seus escritos. Muitos lingüistas, talvez todos, na França pelo menos, encontraram os dois autores em escritos mais ou menos numerosos: textos, manuscritos, glosas, comentários. Mais do que referências, tratam-se de presenças: todos os dois se impuseram e continuam se impondo ainda hoje a quem se interessa pela linguagem; cada um fez pressentir, mais do que revelar, que alguma coisa essencial estava em jogo naquilo que ainda não se entrou acordou em nomear: língua, discurso, comunicação... Eles nos acordaram do sonho dogmático, colocando questões que, apesar de suas tentativas e de todos aqueles que se seguiram, ainda não estão fechadas. Freud teria dito feridas narcísicas, pois continuamos a não saber o que fala em nós, e eles são uma das fontes dessa incerteza.

No entanto, nem um nem outro rompeu com a tradição comparatista: eles simplesmente a abalaram e, dependendo do caso, alteraram-na. Eles disseram aos seus contemporâneos, em termos freqüentemente muito próximos:

(...) vocês descrevem, detalham, etiquetam alguma coisa da qual não conhecem a natureza. Vocês descobrem cada vez mais detalhes, mas não sabem o que fazem. Vocês comparam muitas línguas, vivas ou mortas, fazem suas histórias, conhecem cada vez mais detalhes, mas se perguntaram o que é uma língua.

- A linguagem?

- Não! A LÍNGUA! O que é necessário supor presente nas palavras, que faz com que elas sejam mais que barulhos, canto dos pássaros ou trovão...

- Mas esta presença não é o pensamento?

- Sem dúvida, mas sob qual forma? Como o caroço na cereja, o sangue nas veias? O corpo divino na hóstia? Compreenda que ‘quem quer que coloque o pé no terreno da *língua*, pode se dizer que está abandonado por todas as analogias do céu e da terra’.

Logo, Saussure era isso, “um começo”? É o que perguntaram os jornalistas. Vieram dois (separadamente, de jornais diferentes) interrogar Benveniste para saber tudo de Saussure. Estamos em 1968 e eles querem compreender tudo da lingüística moderna, imediatamente. Porém, Benveniste interrompe o discurso começado da filiação, da tradição, da escola: “Saussure, ele não é um começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de começo”².

“A propósito, Saussure foi quem para mim?”, perguntou-se, então, sem dar mais atenção ao jornalista. É assim que nós o imaginamos... Ele não é mais jovem; ele tem seu lugar reconhecido, sua cadeira no Collège de France, a mesma que Saussure recusou por razões obscuras; ele é o sucessor de seu mestre Antoine Meillet; ele é conhecido somente por seus pares, notoriedade modesta, diferente do alvoroço que se faz, repentinamente, em torno do nome de Saussure. Presente será o pouco tempo que tem para se definir, para dizer o que recebeu dos outros e o que espera de si mesmo daqui por diante? Ele acaba de evocar, com sua clareza habitual, a longa linha comparatista na qual está situado até o momento: aperfeiçoado muito jovem, enquadrado, entronizado por Meillet, o mestre da “École de Paris” (ele assim a designava, com orgulho), aluno fiel, hoje sem dúvida infiel, mas era o que se esperava dele...

Benveniste já está pronto a prosseguir, a puxar o fio condutor da mudança na continuidade, esta corrente do comparatismo ao estruturalismo na qual Saussure, desde 1878, ocupa um lugar essencial e da qual ele é hoje elo e testemunho. E, aliás, ele o dirá, com alguma ironia, a este ignorante maravilhado pela moda:

(...) é um espetáculo surpreendente a moda desta doutrina, mal compreendida, descoberta tardiamente e em um momento em que o estruturalismo em lingüística era já para alguns algo de ultrapassado. (...) Neste ano de 1968, a noção de estruturalismo lingüístico tem exatamente quarenta anos.³

Mas, primeiro ele pára: Não! Nada de discurso fundador, nada de pai, nada de autoridade! Nada mais de fidelidade, de repetição, de retomada, nada de Tora nem de Talmude! Saussure foi outra coisa, “um outro tipo de começo”!

É somente um momento de hesitação no tapete já desenrolado da continuidade, a tentativa de fazer compreender, adivinhar pelo menos, o que foi um encontro, uma aventura da inteligência, ao invés de se mortificar em comentários, em artigos, em celebrações. Mas não é isso que esperam os jornalistas; eles querem informações, querem que lhes expliquem a admiração de uma “vanguarda” que pretende refazer o mundo pelo poder da palavra e que tem como inspirador um poeta hermético e um curso de lingüística salvo do esquecimento pela devoção de alguns.

Como chegaram os jornalistas, geralmente melhor informados, a essa pequena sala do Collège de France, ao lado de um professor tão pouco notório, de auditório tão restrito? Eles querem saber tudo do lingüista morto em 1913 e subitamente elevado a mestre. Mas sim, ele era conhecido! Mas somente de seus pares. Admirado e criticado segundo os códigos desse meio fechado. Ele morreu jovem, discreto, deixando, como se diz, uma obra inacabada. Mas seria possível terminá-la? Meillet, que tinha assistido a seus cursos em Paris, devotava-lhe afeição e admiração. Era com emoção que lembrava do professor muito jovem que “fazia amar e sentir a ciência que ensinava”, de sua voz “harmoniosa e velada”, do “olho azul cheio de mistério”. E é com a mesma emoção que, mais de vinte anos depois, lia o *Curso*, que fora respeitosamente reunido.

Teria verdadeiramente o lido na sua inquietante novidade? Benveniste talvez duvide, mas não o declarara. Ele, que escapou do charme direto da sua presença e encontrou-o somente em texto, eco que propaga sua voz, sabia, porém, a que ponto tal chama pode incendiar a inteligência, talvez seduzi-la: a contingência dos signos “arbitrários”, a imanência do sentido que somente se institui ao ser ligado a formas, a abertura sob uma semiologia pronta a tudo englobar, ou antes, a tudo ameaçar! Mas se pode dividir esse atordoamento? É mesmo desejável para a ciência que sua função e as suas convicções a consagrem?

A fascinação não pode deixar esquecer as diferenças que tornam improváveis um acordo profundo: Saussure, um patriota suíço, que teria, dizem, recusado a honra do Collège de France para não ter de renunciar a sua nacionalidade; aristocrata protegido pela fortuna da família, seduzido bem jovem pelo arianismo,

mais tarde pelo anti-semitismo. Tudo isso que se adivinha ou murmura só poderia ser estranho a Benveniste, francês nascido na Síria, infiel ao rabinado ao qual o haviam destinado, próximo na juventude de poetas surrealistas, depois, do partido comunista, funcionário discreto e solitário. Os dois consagraram igualmente suas vida à pesquisa, dedicando-a, assim, à austeridade e ao isolamento; mas, a do segundo foi cortada por acidentes violentos: a guerra, o cativo do qual escapou, a clandestinidade e os anos de exílio; e, no retorno, um escritório espoliado.

Das diferenças impostas ou escolhidas, Benveniste, evidentemente, não dirá nada; o encontro dos dois só diz respeito à inteligência e ao amor, que lhes é comum, pela língua. No entanto, sobre o mesmo assunto, seria correto afirmar que houve acordo? E ainda, sobre o princípio maior da “arbitrariedade”: Benveniste nunca modificou a crítica feita em 1939 e conservada na antologia de 1966, uma vez que todos os artigos são posteriores a 1945: a ligação, dizia, não é só arbitrária do ponto de vista de Sirius, entre a coisa e nome; entre o significante e o significado; é, ao contrário, para todo locutor, “necessária”.

A demonstração era hábil e permitia apontar no *Curso* uma expressão confusa; mas, ao fazê-la, minimizava a importância do princípio saussuriano, reduzindo-o a um posicionamento tradicional sobre a origem da linguagem, ainda que Saussure a tornasse a base do pensamento semiológico da língua. Isso permitiria penetrar no segredo de sua natureza: arbitrária porque social, semiológica pois mutante e arbitrária. Esse jogo de termos intrincados é o que opõe, para sempre, o princípio semiológico a todo pensamento clássico do signo e à filosofia, sempre pronta a se desembaraçar da língua para transformá-la em etiqueta do referente ou representação do pensamento.

Não se trata aqui de somente retificar uma formulação confusa! Alguma coisa de mais profundo devia preocupar Benveniste na questão do “arbitrário”, o que explicaria por que ele prefere, em suas análises perfeitamente saussurianas, falar de estrutura e de função ao invés de valores e de diferenças. Ousemos lançar a hipótese (pois ele nunca o declarou) de que o que o incomodava era a contingência. Da mesma forma que não se pode desconfiar que o Deus de Einstein jogue dados, o signo não pode e nem deve ser inteiramente desligado de

seu fundamento. Se uma forma particular está ligada ao verbo *médio* diferenciando-o do *ativo*, por exemplo, ou à posição no espaço daquele que fala em relação ao objeto do qual se fala, é isso mesmo que é visado (o intento): ter necessidade de uma forma diferente de todas as outras, pois o sentido não poderia ficar sem expressão. Forma e sentido são intimamente ligados, um não fica sem o outro, mas essa ligação não pode ser inteiramente contingente. Quem se dedica a descrever atentamente as formas descobre que é o sentido que dá “a razão” de suas diferenças e até de suas anomalias. Sem dúvida, existe uma ordem dos signos, diferente daquela da natureza e da racionalidade, mas não sem relação com a substância, ingrediente inseparável do sujeito vivo e do mundo de sua experiência (seu *Umwelt*, certamente).

Aqui Benveniste separa-se, sem o declarar, de Saussure. Ele nos diz que se trata somente de “ir além” no estudo da significação; na realidade, pode-se pensar que ele vai a outro lugar: retorno a uma fenomenologia que um estruturalismo metodológico não tinha recoberto, abertura para descrições integrando traços da subjetividade nos enunciados e sua presença ativa em toda enunciação. Nunca abandonar a língua, na sua matéria significante, em suas estruturas comuns, no seu aparelho “semiótico”, mas conciliar esse gesto saussuriano com a singularidade subjetiva, com a comunicação sempre situada, com o “acontecimento inebriante” que é todo enunciado. Analisar “o semântico”: eis a aposta de Benveniste.

O projeto da semiologia encontra-se profundamente modificado. Saussure anunciava sem ênfase uma ciência geral dos sistemas de signos, e somente os manuscritos nos mostram a que ponto isso o preocupava, na medida em que se tratava de uma coisa diferente, de uma nova ciência, simplesmente englobante. Era toda a relação com o mundo, com o conhecimento, com o pensamento que se era chamado a considerar; uma filosofia do espírito em suma, mas sob a base da língua, abstração material que só se institui nela mesma. Isso é claramente compreendido em um manuscrito:

No capítulo *semiologia*: (...) Se um objeto pudesse, onde quer que seja, ser um termo sobre o qual é fixado o signo, a lingüística cessaria imediatamente de ser o que ela é desde a base até o topo; aliás, da mesma forma o espírito humano, como fica evidente a partir dessa discussão.

A empreitada é vertiginosa tanto quanto inacabável, pois tendo conhecido todos os cadernos nos quais se desenhou esse projeto, Benveniste, pode-se pensar, teria preferido nada saber; e com razão. A ciência progride, o conhecimento da linguagem abre sem cessar novos caminhos, nada pode impedir seu desenvolvimento: “semiologia geral”, “semiologia de segunda geração”, “semiologia universal”... Todas as ciências estão envolvidas, convidadas a se reagruparem sob a égide de um pensamento sobre os signos que lhes impõem uma coisa: não esquecer que o sentido passa sempre pelas formas. Desde então, “amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui”⁴. O otimismo dessa última formulação só foi temperado por alguma reserva final, que deixa ao poder de significar seu mistério, julgado sagrado talvez:

No final desta reflexão, somos reconduzidos ao nosso ponto de partida, à noção de significação. E eis que se reanima em nossa memória a palavra límpida e misteriosa de Heráclito, que conferia ao Senhor do oráculo de Delfos o atributo que nós colocamos no âmago mais profundo da linguagem: *Oute légei, oute kryptei, alla semainei*. ‘Ela não diz nem oculta, mas ela significa’.⁵

Saussure, ainda que “ultrapassado”, teria deixado traços de sua inquietude? A semiologia, esta utopia positivista, seria impotente para engessar, em uma descrição contida, o “turbilhão sócio-histórico” de línguas e de culturas? Não é o que se apreende em um manuscrito recentemente encontrado, juízo que Saussure deixa em suspenso:

Precisamos dizer nosso pensamento mais íntimo? Há que se ter medo de que a via exata do que é a linguagem possa suscitar dúvidas sobre o futuro da lingüística. Há uma dessimetria nessa ciência, entre a soma de operações necessárias para apreender racionalmente o objeto e a importância desse objeto, da mesma forma que existiria uma dessimetria entre a pesquisa científica e o que se passa durante uma parte do jogo e o []

Notas

- ¹ 1966. In: *Problemas de Lingüística Geral (PLG) II*. Campinas: Pontes, 1989, p. 224.
- ² 1968. In: *PLG II*, p. 31.
- ³ 1968. In: *PLG II*, p. 16.
- ⁴ 1970. In: *PLG II*, p. 90.
- ⁵ 1966. In: *PLG II*, p. 234.